

CADMO

Revista de História Antiga

Centro de História
da Universidade de Lisboa

16

Ἰσθμίου Παναθηναίων ἑορτῆς ἐπισημοῦς
ἡμερῶν ἀπὸ τῆς ἀρχαίας ἀποικίας
ΜΗΝΙΝ ΑΕΙΔΕ ΘΕΑ ΠΗΛΗΙΑΔΕΩ

verso norte-americano, com essa Roma de que se fala? Não eram os «Irlandeses» da Antiguidade, os habitantes da Hibernia, tidos como bárbaros pela civilizada Roma latina? Por outro lado, porque não serão os italianos os herdeiros mais directos da latinidade, nos EUA? E, com eles, franceses, espanhóis, portugueses e romenos? A que universo «latino» se ligam estes na sociedade americana? Como os vêem os anglo-saxónicos, os mesmos que buscam actores britânicos para representar heróis e vilões da Antiguidade Clássica, mas utilizam actrizes mexicanas (??) para representar uma mulher da antiga Ibéria, como em *The Gladiator*, por exemplo? Que protótipos se instituíram e que ideologias lhes subjazem? Talvez estes fossem pontos de interesse para debate numa obra deste tipo.

De qualquer modo, há que valorizar o trabalho em causa, pelas abordagens das transculturalidades que apresenta. Uma bibliografia geral e um útil índice final, raro neste tipo de obras conjuntas, complementa os estudos apresentados.

Nuno Simões Rodrigues

AMPARO PEDREGAL RODRÍGUEZ, MARTA GONZÁLEZ GONZÁLEZ, eds., *Venus sin espejo. Imágenes de mujeres en la Antigüedad clásica y el cristianismo primitivo*, Oviedo, KRK Ediciones, 2005, 345 pp. ISBN: 84-96476-38-3.

O estudo com que Domingo Plácido abre este conjunto de textos dedicados às representações da mulher na Antiguidade Clássica, «La construcción cultural de lo femenino en el mundo clásico», começa por trazer à colação as principais problemáticas que se impõem a temas e fontes que sustentam essa área do saber. A colectânea reunida neste volume é, aliás, o resultado de um conjunto de conferências originalmente apresentadas na Universidade de Oviedo, entre 2003 e 2004, sob a organização das Dotoras Pedregal Rodríguez e González González. Aqui reúnem-se as reflexões de historiadores, filólogos e arqueólogos, na medida em que cada um destes tem uma área de trabalho específica, com metodologias e objectivos específicos, mas igualmente comuns em termos de objectos e interesses.

Como referíamos, o estudo de D. Plácido, um dos nomes conceituados na área da História Antiga, no país irmão, funciona, como aliás as próprias editoras do volume salientam, de introdução geral ao tema,

pelas questões que aborda: a complexidade das problemáticas em causa, da secundarização do feminino em sociedades de tipo patriarcal à sua instrumentalização, como parece ser o caso, por exemplo, da tragédia grega.

Com «De maga a bruja. Evolución de la hechicera en la Antigüedad clásica», Manuel García Teijeiro estuda as representações da feiticeira no mundo greco-latino, numa perspectiva diacrónica, que se estende do período abrangido pelos textos homéricos a Apuleio. Como é evidente, as fontes literárias são aqui, como aliás na maioria dos estudos que aqui se reúnem, as privilegiadas. As conclusões poderiam ser mais abrangentes se se recorresse a outras fontes, visto em alguns casos existir essa possibilidade.

María Teresa Molinos Tejada, por sua vez, dedica-se às figuras das mães e das amas antigas, em particular as gregas, em «Madres y nodrizas en la Antigüedad». A metodologia adoptada permite à autora estabelecer uma sistematização das suas representações ao longo do tempo, salientando as suas variações.

Dolores Mirón Pérez apresenta «La desmesura femenina, o por qué es tan importante el autocontrol para una mujer griega», em que reflecte acerca de um problema particularmente importante para o Homem Antigo: o das limitações do feminino, das fronteiras e das legitimidades da acção. Na verdade, a maioria dos retratos femininos antigos, e muito em particular os negativos, centra-se precisamente nesta questão: o que pertence ao domínio do feminino e o que pertence ao do masculino. Reside mesmo nesta dialéctica a essência do género, enquanto problema, também na Antiguidade. Para o efeito, o poema que Semónides dedicou às mulheres revela-se uma fonte fulcral.

Fernando Marín Pérez, de seguida, estuda o papel das mulheres no género biográfico antigo, com «*Bíos* femenino y rumor. Sobre la malevolencia de Estesíbroto de Tasos», onde Elpinice ganha protagonismo. E depois é a vez de Marta González González se dedicar a «Lo bello y lo siniestro. Imágenes de la Medusa en la Antigüedad». Este estudo parece-nos particularmente importante, uma vez que aborda o uso do feminino enquanto possibilidade de «desvio» do humano. Sendo a Medusa um monstro não humano, ela assume uma função de caos que exige o controlo, sendo por isso pertinente o seu género feminino, tal como acontece, por exemplo, com as Amazonas. Este tipo de leitura tem, necessariamente, uma intenção e um significado, um objectivo definido. Por outro lado, há que salientar as ambiguidades, tão próprio do mundo antigo, visto que a Medusa possuía igualmente uma função apotropaica, sendo também relevante

neste contexto, uma vez mais, o género a que pertence. Os opostos e as dualidades são, aliás, parte central desta análise.

Rosário Cortés Tovar, «Indignación satírica contra las mujeres romanas y sus pasiones: la misoginia en Juvenal», dedica-se a este autor latino, sempre reconhecidamente importante no que diz respeito à imagem que reflecte do feminino. A A. refere-se mesmo à «misoginia», conceito algo forte, mas a que dificilmente Juvenal escapa nas suas representações das mulheres. Há que compreendê-lo e é isso que a A. se propõe a fazer. Faz-se a genealogia do texto, tentando-se perceber também as motivações textuais.

Clódia, célebre figura da República Romana, é o centro da atenção de Rosa María Cid López, em «Clodia imaginada por Cicerón. La construcción de la biografía de una libertina». É pertinente a conclusão da A., que salienta a instrumentalização do feminino, feita por Cícero e que corresponde a uma mentalidade, a uma época. Por outro lado, não é menos importante salientar que Clódia surja como a matrona romana que, em determinados momentos da História Romana, tenta ultrapassar as fronteiras do espaço reservado ao feminino e alcança um estatuto sócio-político superior, quiçá ao nível do masculino. O resultado é, claro, uma depreciação do universo moral, que incide sobretudo na questão da moral sexual, um dos pontos fracos a atingir em qualquer representação do Outro.

«Mecenas: el político, el literato, el filósofo» é o estudo que Santiago Montero apresenta aos contrapostos do género. Como se idealiza o masculino e como se idealiza o feminino? A partir de um estudo de caso, o da figura de Mecenas, se chega a uma definição de matrizes, de grande utilidade para a nossa interpretação do passado romano.

Segue-se Emma González González e «De heroínas y de víctimas: representaciones femeninas en el espejo de Artemisia», que inaugura o estudo das representações cristãs do feminino antigo. Na verdade, trata-se de um estudo de recepção, que aborda as formas de olhar a História e as problemáticas na perspectiva de épocas cronologicamente avançadas, como o século XVII. Mais concretamente no Mundo Antigo, coloca-se Virgínia Alfaro Bech, com «Los pecados en Tertuliano», cujo âmbito é fundamentalmente a imagem da mulher naquele autor cristão.

Como não poderia deixar de ser, as mártires do cristianismo antigo encontram também aqui um espaço próprio, no estudo de Noemí González González, «El triunfo de la pureza: santa Inês de Roma». Como se refere na introdução, Santa Inês «é uma das figuras mais representativas da hagiografia antiga cristã», pelo que a A. estuda as

diversas fontes para perceber a forma como se configura a imagem desta personagem e, conseqüentemente, das mulheres da sua condição no seu tempo e no de quem sobre elas escreveu ou testemunhou.

S. Jerónimo é a fonte principal do estudo de Mercedes Serrato Garrido, «*Epitaphium Sanctae Paulae* (Hier., *Ep.* 108): metamorfosis de una matrona romana». Estamos já no âmbito do feminino cristão e da construção da imagem da mulher que segue Cristo, numa perspectiva de idealização no universo tardo-antigo. Neste sentido, é particularmente importante o trabalho que Amparo Pedregal Rodríguez dedica às mulheres não cristãs desse mesmo período, em «Faltonia Betitia Proba, Anicia Faltonia Proba y Demetriade, *adorno* de los *Anicii*», visto que nos faculta o estabelecimento de contrastes e permite perceber a não linearidade das sociedades em causa e do processo histórico.

Os últimos dois capítulos do livro, da autoria de María Teresa Muñoz García de Iturraspe, que escreve «La tradición clásica en torno al concepto de culpa en la literatura femenina inglesa: de George Eliot a Virginia Woolf», e de Ramiro González Delgado, que apresenta «Pénélope y el secreto de una espera: la pervivencia de una heroína griega en la poesía contemporánea», são dedicados a temas de recepção das problemáticas da mulher da Antiguidade Clássica na cultura contemporânea.

Se nos é permitida uma crítica mais incisiva, este volume só teria a ganhar com uma bibliografia final, que reunisse os vários estudos que suportam os textos aqui apresentados, bem como um índice geral e *locorum*, que nos permitisse um acesso rápido às temáticas abordadas. Por outro lado, não podemos deixar de manifestar o nosso agrado, por ver como a vizinha Espanha se apresenta no meio científico internacional, considerando a área dos Estudos da Antiguidade Clássica, com uma obra desta envergadura e com esta importância.

Nuno Simões Rodrigues

PIERRE BONNECHERE, *Le sacrifice humain en Grèce ancienne*, Athènes/Liège, Centre International d'Étude de la Religion Grecque Antique, 1994, 423 pp. ISSN: 0776-3824.

O estudo que os suplementos da revista *Kernos* decidiram, em boa hora, publicar, em 1994, aborda uma das problemáticas mais